

Por que o médico usa branco?

Braz Martorelli Filho

Antes de entrar no assunto propriamente dito, vou permitir-me algumas divagações.

Branco e negro não são cores. Branco resulta da somatória das várias faixas de cores do espectro solar. Negro significa ausência de cor.

O branco nos acompanha desde o nascimento até a morte.

Quando nascemos, mamíferos que somos, dependemos integralmente do branco leite nos primeiros tempos de vida.

Na morte, o livor tinge de branco nossos cadáveres. Esquife branco encerra uma criança, "anjinho" puro e inocente.

Certos países, como a China, têm, no branco, o símbolo de respeito aos mortos.

"Branca" é a raça que certa feita se autoproclamou superior, discriminando odiosamente seus irmãos negros, amarelos e vermelhos.

Passemos a assuntos mais agradáveis.

O alimento básico da humanidade, o pão, é elaborado com a branca farinha de trigo. É a mesma responsável pelos quilos ganhos com as calorias advindas das massas, bolos, tortas e outros pecadinhos da *pâtisserie*.

Cuidado com o vilão branco: o sal.

Branças são as carnes dos regimes e dietas, as quais, devidamente manipuladas pelos artistas da "haute cuisine", são transformadas em pitéus, não raro imersos em perfumado molho branco e, lógico, escoltados por delicioso vinho branco.

Não quero provocar salvação, mas não seria justo passar em brancas nuvens o sorvete de coco, o suspiro, o manjar branco, o chantili coroando deliciosa salada de frutas, e outras tantas delícias mancomunadas com o branco açúcar.

Em uma ensolarada manhã com o azul do céu emoldurando brancas nuvens, as brancas espumas das ondas

se deitando nas brancas areias da praia, que pode haver de melhor que uma branca "caipirinha" de coco?

Vocês já pensaram na tragédia representada pela branca geada cobrindo uma lavoura?

Por outro lado, a maravilha de uma silhueta de montanha encimada por um branco manto de neve. A beleza nostálgica, talvez depressiva para nós de clima tropical, representada pela branca neve cobrindo tudo. Essa mesma neve responsável pela noite branca, véspera do dia mais importante da cristandade: o Natal.

Pensem nas maravilhosas flores brancas: lírio, copo de leite, rosa, margarida, magnólia, dama da noite etc., todas cantadas em prosa e verso, com destaque para a camélia, preferida da amante de Alexandre Dumas, que inspirou o romance "A Dama das Camélias", adaptado por Verdi em "La Traviata".

Branças e negras são as teclas do piano, que tocadas harmoniosamente nos proporcionam momentos de indizível prazer.

Branças são algumas riquezas naturais transformadas em joias pela ourivesaria: marfim, prata, platina, pérola, uma das maravilhas da natureza.

Branco significa simplicidade, pureza, inocência, tanto que na Roma antiga os postulantes a cargos eletivos se vestiam de branco com o significado de que eram puros, cândidos. Daí o termo "candidato".

Na Inglaterra Vitoriana, surgiu o branco do vestido de noiva como tradução de pureza e castidade.

Branca é a pomba da paz; branca é a pomba que representa o Espírito Santo; brancas são as vestes do Papa, de monges hindus e de outros credos, que traduzem a pureza da religião; branca é bandeira que significa paz, tré-



Rembrandt, *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, 1632, óleo em tela, 169,5 x 216,5 cm

gua ou rendição; brancos são os cabelos que merecem respeito; branco é o uniforme dos garbosos marinheiros; branco é o voto de repulsa contra os maus políticos; arma branca; terrível arma de agressão; carta branca, por vezes de consequências imprevisíveis; deixar em branco por esquecimento ou ignorância; brancas são as marcas dos gramados esportivos; branca é a toalha que o treinador joga no ringue para parar uma luta; verso branco, que exige mais do poeta; negro de alma branca; branco dos olhos; laparotomia branca; tumor branco.

Chega! Deu branco.

O complacente leitor que me acompanhou até agora perguntará: mas o que é que tudo isto tem a ver com o uniforme branco dos médicos? A resposta é: NADA.

Calma, eu explico.

O mundo microscópico era desconhecido. Os médicos, como vinham da rua examinavam doentes, faziam autópsias, operavam e partejavam dentro dos hospitais. Quem já não viu por várias vezes a "Aula de anatomia", de Rembrandt, na qual o médico nem mesmo tira o chapéu? Outras pinturas da época mostram cenas semelhantes.

Ignatz Philippe Semmelweis (1812-1865), trabalhando em Hospital em Viena, observou que a incidência de infecção puerperal era altíssima entre as pacientes atendidas por médicos. Nos partos atendidos por parteiras, as taxas de morbiletalidade eram muito inferiores. Detalhe: as parteiras lavavam as mãos antes de atender as pacientes.

Com base neste fato, passou-se a insistir na lavagem das mãos por escovação com água e sabão e enxague com água clorada antes de entrar na enfermaria, antes e depois de examinar cada paciente e antes e depois de qualquer intervenção.

A incidência de morbiletalidade baixou de 20% para 1,5-2%.

Foi o pioneiro na assepsia em Obstetrícia.

Seu trabalho apresentado na Sociedade Médica de Viena foi duramente criticado. Posteriormente, foi apoiado por Rokitansky, Skoda e Hebra.

Seu chefe, por motivos pessoais e por inveja, o rebaixou e limitou sua atividade no hospital.

Criticado, combatido e ridicularizado, Semmelweis, confinado num hospício, veio a falecer, ironicamente, em consequência daquilo que combatera veementemente: uma infecção.

Os estudos de Louis Pasteur (1822-1895), mostrando a ação dos agentes microbianos

nas infecções, deflagrou guerra contra os micróbios e a limpeza se tornou obrigatória.

Assim, nada melhor que o branco para mostrar respingos de sangue, gotas de urina, vômito etc. Os médicos começaram a usar aventais talares para contrastar qualquer tipo de sujeira e evitar contaminação. Depois o uso de avental se generalizou entre enfermeiras e pessoal de laboratório, também como proteção de roupas comuns. Com alterações na confecção, o uso do branco se vulgarizou, sendo usado por dentistas, práticos de farmácia, cabeleireiros etc. Hoje até o médico usa branco.

Sinto muito, mas é isso. O uso do uniforme branco pelo médico no exercício da mais nobre das profissões teve sua criação com a prosaica finalidade de servir como contraste para evidenciar a sujeira. Nada de pureza, singularidade, nobreza etc.

Em tempo, o símbolo internacional de neutralidade, de serviços médicos, de socorro e assistência *lato sensu* é representado por uma cruz vermelha sobre o fundo branco.

Braz Martorelli Filho
Mastologista

Raios e trovões

Neuro

*"Posso jogar contra Deus e dar-Lhe um peão de vantagem."
(Wilhelm Steinitz, austríaco, campeão de xadrez)*

Da safra salubérrima, de ontem, de corredores fundistas, o atleta portenho, de antemão mais festejado pela crônica esportiva, foi, realmente, o vencedor da Maratona, mas não bateu o recorde mundial estabelecido há alguns anos por um europeu tranquilo, de compleição menos robusta, natural da velha Albion, de Londres mesmo, vizinho do pontualíssimo Big Ben do Parlamento.

O inglês de *performance* invicta, meses após a conquista, fora fatídica, irônica e simbolicamente atingido nos torzelos coriscantes de Mercúrio pela queda de dois para-raios simétricos e descomunais, vindo a falecer justo quando treinava sob a tempestade na busca de novas conquistas quilométricas, se possível tempo-subtraídas.

Por outro lado, presunçoso, falastrão, rugindo bazófia à semelhança do generalíssimo comandante-em-chefe das Forças Armadas de seu belo país sulino, a Argentina, no *affair* Malvinas, o atual campeão, do Plata, julga-se superior ao maratonista londrino detentor do tempo mínimo e, impostando a voz, tropeja para a mídia ao ser inquirido sobre a vantagem do outro, há tempos, no cronômetro de então:

— Porque, jovenzinho de sete anos, não corri ao lado do inglês "testarudo" naquela oportunidade do passado ou porque ele — é óbvio — não correu comigo, agora, aqui. Vocês da comunicação, sabem muito bem que cada região e cada época têm sua temperatura, umidade, ventos e mil outras condições além das climáticas, até mesmo fenômenos sociais, políticos, étnicos etc. que exercem tantas influências, benéficas ou maléficas, sobre o organismo do profissional do esporte. Hoje, por exemplo, não obstante a belíssima vitória a meu favor, a corrida teve todos os demônios do azar e da adversidade conspirando contra mim, haja vista o preconceito antiterceiromundista do Comitê Olímpico xeno, xeno, xenofóbico, como diz meu treinador/psicólogo. Seria necessário e significativo que nós, ambos, eu e o gringo da Rainha, estivéssemos enfrentando, juntos, as mesmíssimas e exatas condições de *stress* ou

conforto e, então, sim, adianto-lhes, se tornaria patente minha superioridade, em vez de apenas aludida. Sou, concluiu, o mais veloz de todos em todos os tempos... "hasta la vista".

Depois, a chuva *magnum* do champanhe comemorativo, a tietagem das sexifãs para o autógrafo no bumbum, as fotos e o prêmio sonhado: um dobrão de ouro maciço, que mostra, em uma das faces, datas, lauréis, e "torre com relógio" e, na outra, uma efígie ao acaso, de catadura um pouco severa, como convém às figuras da numismática em geral.

Uma semana de recuperação sob exercícios controlados, repouso suficiente, alimentação balanceada a cargo dos especialistas assistentes e, ainda nos embalos do sucesso, o astro das manchetes recentes, em traje esportivo, certa noite, tarde das horas, sozinho, à revelia dos seguranças de seu *entourage*, revisita a última etapa da pista que o conduzirá à glória — uma longa, interminável, inóspita e sempre desafiante avenida em declive extremo. Ali, o melhor de sua garra, técnica e ambição decidira a prova, deixando os concorrentes a distância dos calcanhares.

Olhar condoreiro, ao largo, o campeão — "and the winner..." —, emocionado, desprende a medalha de honra da gargantilha que a sujeita ao pescoço para mais uma vez apreciar seu tesouro através da carícia das mãos e também da volúpia dos lábios. Sopesa ora numa ora noutra palma os quilates queridos — esquerda, direita, direita, esquerda. É quando o troféu desnudo de qualquer adereço extra, inclusive do beijo amiúde pespegado, escapa-lhe entre os dedos e cai sobre o leito da rua, deserta àquele horário. De círculo perfeito, no que toca o solo verticalmente, mais do que depressa dispara em rolamento, com aptidão e desenvoltura inigualáveis, sobre o asfalto à frente, ladeira abaixo.

No mesmo zás-trás que lhe foge do oco das mãos, ávidas, o "mérito dourado", o campeão — *semper vigilans* — arranca com idêntica presteza em seu encaicho, sem que uma fração de segundo se interponha entre as duas largadas magistras rumo aos confins do mundo.

E, a desoras, como torcida um único *voyeur*, o plenilúnio *hooligan* da sexta-feira, lá vão os dois, apenas eles dois,

rua a jusante, cada um deles a bordo de seu ciclonezinho estilizado, um, luminoso, o da medalha, a despedir centelhas pela passagem, o outro, sonoro, o do campeão atual, a estourar passadas sobre o piso.

Gulliveriano Tom e liliputiano Jerry Pas às voltas com a geometria alabiríntica, de uma reta só, hilário, pega?, não pega, alcança?, não alcança, porém, não consegue mesmo o fundista evitar o aumento de braças lineares que o vai distanciando de sua joia elegantemente posicionada na vanguarda.

Lá embaixo, final, sob a faixa de chegada da competição do domingo anterior — ainda a postos e emblemática, como no dia da disputa —, um obstáculo qualquer detém o medalhão de ouro, que, com *aplomb*, estaciona em pé, inteirinho da silva — oral, "noblesse oblige".

Alguns segundos após, resfolegante, chega o desportista platino, possivelmente bisando e talvez até superando a excelência de sua marca na derradeira e domingueira edição de prova.

Sófrego, abaixa-se e colhe o medalhão que há pouco a antecederia de modo indubitável.

Ao observá-lo com maior cuidado, pronto identifica o Big Bem e sua torre inconfundível numa das suas superfícies douradas e, ademais, sente, ainda, que a efígie do anverso, antes quase carrancuda — estranho! — não esconde, agora, um discreto sorriso entredentes. Estuda mais e examina melhor os elementos figurativos da cunhagem daquela peça de outro é só então se dá conta que "o relâmpago sempre precede a trovoada", pois que o baixo relevo ali esculpido é o perfil velho atleta morto, homenagem póstuma do Comitê ao campeoníssimo recordista britânico do tempo imbatível.

Neuro

Pseudônimo, participou do III Concurso Nacional de Contas e Crônicas da AMB

A BENDITA ARTE DE CURAR

O nobre e sublime exercício da medicina
Possui certamente uma dose de sagrado,
Pois todo Médico tem o dom, em sua sina,
De transformar o doente num homem curado.

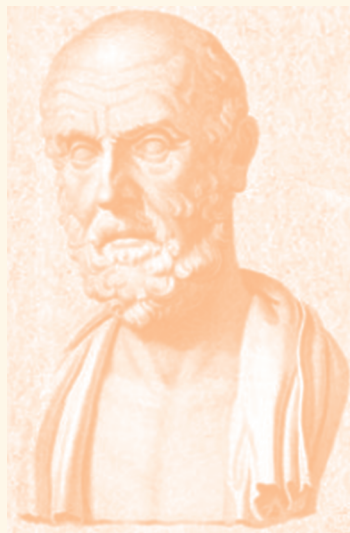
Bem extraordinários igualmente são
Os grandes e renomados Médicos Cirurgiões
Pois, ao empunhar um simples bisturi na mão,
Conseguem salvar a vida de milhões.

Hipócrates foi o mestre e grande precursor.
Por isso ele é o patrono e o pai da medicina,
Aproximar-se do próximo para aliviar a dor,
Esta é, por certo, uma missão quase divina,

Toda atuação de um facultativo, portanto,
Na arte de curar aproxima-o de um santo!

Justino Magno Araújo

Da Academia Cristã de Letras



Hipócrates

IV

Onde guardar a esquiva luz dos fastos
Escrito no papiro das areias?
Longe é o mar, canto verde de sereias,
Mais Longe é o tempo com seus campos vastos.

Que memória retém minutos castos
Que a vida foi prendendo em suas teias,
Hoje que a morte passa em nossas veias
Trilhando o sangue dos caminhos gastos?

Agora que as memórias esquecidas
São pássaros batendo asas de fumo
Na sombra que anuncia despedidas...

Agora, nuvem triste em sol deposto,
Onde guardar a esquiva luz de um rumo,
Se a vida hoje anoitece em nosso rosto?

V

Alquimia do verbo. Em minha mente
Recriam-se palavras na hora vãria,
A poesia se torna necessária
E as flores rememoram a semente.

É preciso que exista novamente
A aventura distante e temerária
De em ouro transformar a dor precária
E em nós deixar correr a lava ardente.

Que uma emoção profunda e mineral
Corra nos veios desta carne astral
E encontre em mim aquilo que procura.

Na paisagem que for, já sou nascido:
Nas formas criarei o elo perdido,
E, em lucidez, serei minha loucura.

VI

Sei que fui o viandante, o mar, os olhos
Da noite que hoje mora nos cabelos,
Fechei meus passos com noturnos selos
E em desenhos nublados fiz meus sólios.

Sei que sou maresia nos escolhos
Unindo além do sal de tantos elos
Ilhas e continentes, sem perdê-los
Na areia, nas palavras, nos abrolhos.

Sei que seria a vida renascida
Das ondas verdes que já não se espraiam
Na página de sombra já relida.

Sei que serei aquele que convence o
Espanto das estrelas que desmaiam
E acordam transformadas em silêncio.

Paulo Bomfim
Príncipe dos Poetas

Impressões de um médico sobre o Supremo Tribunal Federal

György Miklós Böhm

Aposentado, aos 79 anos, da Faculdade de Medicina da USP, dei-me o luxo de assistir às duas sessões do STF sobre os trâmites a seguir no *impeachment* da presidente Dilma. O parecer do ministro Fachin ocupou as longas horas de quarta-feira. Seu documento foi claro e muito exaustivo. Após duas horas de leitura, ocorreu-me que fosse prolixo e lembrei-me de uma advertência severa do Professor Carneiro, meu mestre de Pneumologia nos anos de 1950. Mas logo enxotei julgamentos negativos: atribuí sua pormenorização à necessidade de exaurir os meandros da labiríntica Constituição vigente e iluminar o caminho a seus colegas.

Nossa Carta Magna nasceu numa época em que o desejo era corrigir tudo e, por isso mesmo, em vez de nortear, oblitera. Os executivos todos só conseguiram governar por meio de Medidas Provisórias que, recentemente, ficaram abusivas.

Em seu parecer, o ministro Fachin respondeu às quatro questões principais da ação apresentada pelo PCdoB, afirmando que: 1) Não era necessária apresentação de defesa prévia pela presidente Dilma; 2) Não cabia ao Senado barrar a instauração do processo de *impeachment*, pois sua função é julgá-lo; 3) A votação da escolha dos membros da comissão especial da Câmara dos Deputados, que apreciou o *impeachment*, poderia ter sido secreta; 4) A "chapa avulsa" vencedora para integrar a comissão especial era válida.

No dia seguinte, os membros do STF comentaram o parecer do relator e deram seus votos. Invocaram a Constituição, legislações, pareceres, normas presentes e passadas, jurisprudência, enfim, todas as ferramentas que imagino ser próprias do Direito. Logo no início, o ministro Barroso pediu vênias ao relator e discordou dele nos pontos 2, 3 e 4. Ao final, o STF decidiu por 11 a 0 que a presidente não precisava fazer defesa prévia, por 8 a 3

que o Senado poderia recusar a abertura do processo de *impeachment*, por 6 a 5 que a votação deveria ter sido secreta, portanto a decisão ficou anulada, e, finalmente, por 7 a 4 invalidou a existência de chapas avulsas.

Assim, ficaram sem efeito as decisões tomadas até agora pela Câmara dos Deputados, e, se decidir manter a instauração do *impeachment*, o Senado deverá apreciar também o mérito da instauração, e não apenas proceder ao seu julgamento.

O STF favoreceu a presidente Dilma. Provavelmente, ela não sofrerá *impeachment*, coisa que pouco me importa. Não que ela seja boa e competente, porém não vejo possibilidade de substituição adequada na linha sucessória que corrigisse o desastre político, econômico e social agravado pelo *impeachment*. Logo, não me incomodou o resultado. Na realidade, meu interesse em observar as sessões estava muito mais no processo de trabalho do STF — e este me deu profundo desgosto.

Primeiro, pela sua formalidade. Pareceu-me uma liturgia encanecida, desgastada e malpraticada, absolutamente fora do nosso tempo. As constantes referências pomposas e as vênias chegaram a ser constrangedoras. Os elogios hiperbólicos às fadigas do relator, repetidos por todos, soaram falsas na boca daqueles que discordavam do seu conteúdo principal. Nem a sessão ou o parecer do relator mereciam, a meu ver, os adjetivos laudatórios que lhes foram atribuídos.

A arrastada verbosidade dos juízes tão somente para concluir que votavam com este ou aquele membro do STF que já se pronunciara foi aborrecendo e voltou à minha memória a advertência do meu querido e saudoso professor: "aquele que diz com duas mil palavras o que deveria dizer com duzentas, é capaz de outras infâmias". Se isto for hábito geral na área jurídica, pensei, não é de se estranhar que a Justiça brasileira é de uma morosidade ímpar e os processos entulham os Palácios da Justiça,



Disponível em: <<http://m.noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2015/12/17.htm>>

Abertura do segundo dia do julgamento do STF sobre o rito do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff

assim como as salas dos magistrados, até esta do STF, conforme mostrava a TV.

Devo ressaltar o ministro Dias Toffoli, pois foi conciso e coerente. O único a definir Câmara de Deputados e Senado no conceito de uma República Federativa naquele ambiente em que vários magistrados pareciam estar na Inglaterra de lordes e comuns ao falar de Câmara Alta e Câmara Baixa. Pouca dúvida deveria haver que a "Câmara Baixa" no Brasil tem o poder maior, no entanto, escutando o STF com suas citações da Constituição, não parece. O ministro Toffoli também defendeu a independência de poderes e alertou que o judiciário não interferisse no legislativo. Ele foi favorável às chapas avulsas praticadas pelos deputados porque aumentam o universo dos escolhidos e a liberdade de escolha dos votantes.

Apenas me preocupei com sua pressão arterial, já que era visível sua tensão emocional. Aconselharia ver seu cardiologista e, se nenhum problema for diagnosticado, que continue assim; há casos em que a adrenalina descarregada pela boca é benéfica. Não foi minha única inquietação: o ministro Gilmar Mendes toma água com grande frequência; hábito em si saudável, mas seria prudente verificar os níveis de glicose no sangue.

Segundo, pela atmosfera reinante. Pensei que os membros do STF agissem como árbitros da Justiça, independente de relacionamentos pessoais e inclinações políticas. Não me pareceu assim. Achei o ambiente saturado de política partidária.

Já que os deputados não infringiram nada com a votação secreta, os magistrados invocaram a democracia

para ilegalizá-la. Absurdo. Com certeza há momentos em que o segredo aumenta a liberdade e o exercício da democracia, dois exemplos são as eleições gerais e os ambientes em que há poderes vingativos. Não sei como é a situação no legislativo, entretanto ninguém falou nisso. Que a eliminação das chapas alternativas implica o fortalecimento dos caciques do poder é evidente, porém os ministros que votaram nessa proposta e também levantaram a bandeira da democracia pela votação secreta não pareciam preocupados com isso. Tive a impressão que erraram, a argumentação de Toffoli me pareceu mais convincente.

Essa vivência fortaleceu minha convicção de que não há equilíbrio algum entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em nosso país e que Montesquieu se vire no túmulo! Um interfere na esfera do outro quando e como lhe convém. Há indivíduos bons, como em todo lugar, porém os três Poderes comungam dos mesmos interesses, vícios e desmandos que dominam nosso cotidiano.

Eu tinha certa esperança de que o STF fosse uma exceção. Não a tenho mais. Ouvi repetidas vezes a expressão "ferir a Lei". Por uns instantes, na minha fantasia, a Lei se tornou um ser vivo e imaginei um calabouço medieval em que palavras e ideias eram torturadas até que certificassem determinadas vontades. Vislumbrei muitos mandantes, e os algozes mais refinados vestiam as togas do judiciário.

György Miklós Böhm

Professor Emérito da FMUSP



coluna do livro

Bandages, pansements et appareils

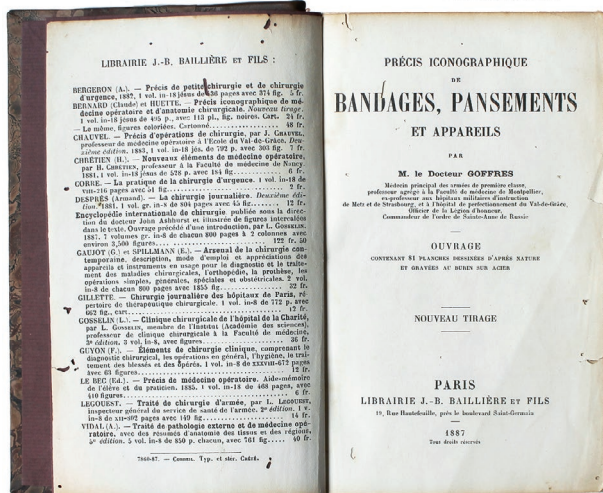
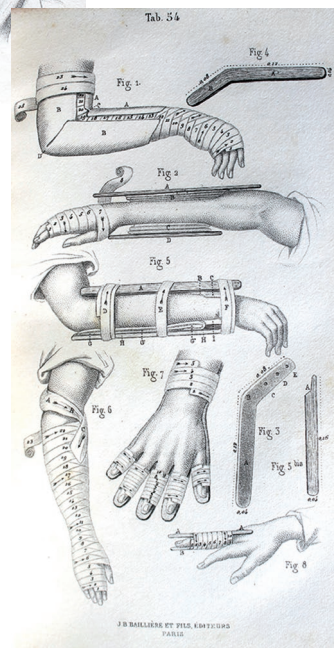
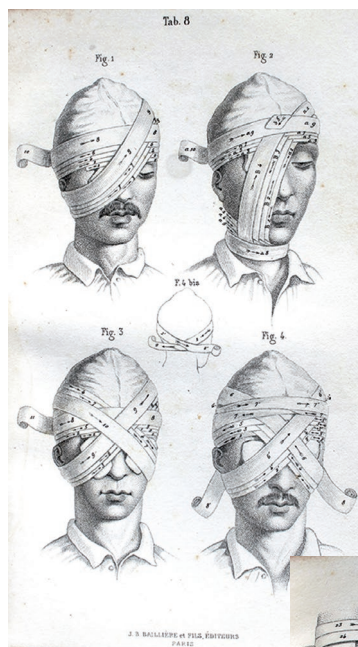
Trata-se de um dos mais preciosos livros históricos sobre bandagens, ataduras e aparelhos usados em ferimentos e em fraturas diversas.

Obra ricamente ilustrada, cujos métodos descritos são usados desde a mais remota antiguidade, os quais foram objeto de estudo minucioso de Ambroise Paré.

O livro impressiona pela riqueza de detalhes e pelas variadíssimas formas e métodos de enfaixamento e de imobilização utilizados nos casos de luxação e de fratura.

A preciosa obra foi escrita por Joseph-Marie Goffres, médico militar, professor da Faculdade de Medicina de Montpellier, do Hospital Militar de Metz e de Estrasburgo.

Impressa em 1887, pela Librairie J. B. Baillière et Fils, Paris, tem 595 páginas e 81 pranchas. Encadernação restaurada em setembro de 2009, mantendo a capa original, doada à APM pela doutora Eva M. A. Boeckh.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.